

Gros rejeita a politização

Sélvio Ferraz

Correspondente

Washington — "O que deve ser evitado a todo custo, tanto pelos banqueiros como pelo governo brasileiro, é a politização da dívida", advertiu Francisco Gros, presidente do Banco Central. "Caso contrário, na próxima rodada de negociações da dívida externa estará no meu lugar o líder do PMDB, um político de verdade, que talvez nem fale sentado como eu". E frisou: "banqueiro tem é que fazer negócio, e não política".

Gros, que assiste Funaro nas reuniões do comitê interino do Fundo Monetário Internacional, afirmou que o governo brasileiro não está procurando obter favores junto aos bancos credores. "Estamos renegociando os termos do pagamento de nossa dívida e não falando sobre a necessidade de novos empréstimos ao Brasil", disse. "Dinheiro novo é sonho de uma noite de verão", acentuou, lembrando que os bancos não emprestam dinheiro novo desde 1982.

O presidente do Banco Central, que amanhã se reunirá separadamente com o comitê dos Bancos Credores e com as agências dos bancos brasileiros em Nova York, disse que o tão pedido plano econômico está traçado, mas as linhas a serem seguidas no cenário interno estão fora de discussão. "Queremos conversar sobre formas de pagar uma dívida descomunal sem prejuízo de nosso crescimento econômico", observou.

Para Gros, o cenário da negociação desde Miami — quando se realizou a assembleia anual do Banco Interamericano de Desenvolvimento e os banqueiros faziam apostas sobre quanto tempo Funaro duraria à frente do Ministério da Fazenda — até agora está "ligeiramente melhor"; "ainda há muita tensão no ar", ponderou.

Para ele, o Brasil está fugindo de qualquer pleito direto aos bancos que envolva a revitalização das linhas de financiamento para o mercado interbancário e para as exportações, por não acreditar que isso faça sentido. "Como se traíam de linhas de financiamento quitadas a cada operação e por isso mesmo renováveis, não há porque o Banco Central se arrolar o papel de intermediário entre os bancos privados americanos e os bancos brasileiros, inclusive o Banco do Brasil", afirmou. "É melhor que eles mesmo se entendam. Uma coisa é certa", disse, "se os bancos americanos não renovarem estas linhas de crédito vão quebrar os bancos brasileiros no exterior, pois o Banco Central não tem condições para socorrê-los com dólares; mas, será que isso interessa aos banqueiros americanos?", indagou Gros.

Gros frisou ainda que o interesse neste tipo

de operação é recíproco. "O risco é zero. Se suspenderem as linhas para o Brasil", repetiu, "estarão criando uma crise, um buraco, para eles próprios entrarem. Não há sentido em ameaças desse tipo. São inteiramente desprovidas de credibilidade", afirmou, com tranqüilidade, o presidente do Banco Central.

Comentando a decisão do Morgan Bank de não renovar o seu financiamento ao mercado interbancário, colocando seus recursos no Banco do Brasil em regime de *overnight* — ou seja, exigível a cada 24 horas —, Gros disse que cada um gere o seu negócio da forma que acha mais conveniente. "Isso não está causando nenhuma preocupação ao governo brasileiro, nem mesmo a diminuição do fluxo de recursos", comentou.

"O Brasil não precisa de novos financiamentos. A rigor, podemos passar com o que temos. É preciso acabar com esta falácia que é o chamado mercado voluntário, quando, teoricamente, os bancos passariam novamente a nos emprestar dinheiro. Isso não existe. Nada é voluntário quando se fala de bancos. Só há empréstimo quando há juros e interesse em fazê-los", acentuou. Gros lembrou que desde 1982 os bancos não emprestam dinheiro novo para o Brasil. "O que fizeram foi emprestar dinheiro para que nós pagássemos os juros. Ora, isso não é dinheiro novo, pois entra num bolso e sai por outro. Dinheiro novo é sonho de uma noite de verão.